ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

( ) COMUNICAÇÃO
( ) CULTURA
( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
( ) EDUCAÇÃO
( ) MEIO AMBIENTE
(X) SAÚDE
( ) TRABALHO
( ) TECNOLOGIA

ACOLHIMENTO DE PARTICIPANTES EM UM PROJETO: PERFIL DOS POSSÍVEIS PORTADORES DE HIV/AIDS

Luany Caroline Adamovicz[1]
Amanda Tkatcenko [2]
Carla Luiza da Silva[3]
Luciane Patrícia Andreani Cabral[4]
Lídia Dalgallo Zarpellon[5]

RESUMO: Considerado a pandemia da atualidade, o Vírus da Imunodeficiência Adquirida (HIV) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) têm se configurado como um dos mais sérios problemas de saúde pública, com alta taxa de morbimortalidade, grande tendência de crescimento e propagação em diversos territórios. O presente trabalho teve como objetivo atuar junto à comunidade, buscando possíveis portadores do vírus HIV/AIDS e avaliar o perfil dos participantes atendidos por esta pesquisa, realizando o acolhimento e aconselhamento durante o atendimento. Estudo de campo, exploratório de caráter quantitativo realizado na Universidade Estadual de Ponta Grossa nos meses de abril e maio de 2011. Participaram 52 indivíduos, sendo 30 mulheres, 22 homens, onde todos receberam o acolhimento e aconselhamento. Deste total, 26 eram solteiros, 17 casados, 5 em união estável, 2 viúvos, 1 outros e 1 não respondeu. A idade que prevaleceu foi entre 15 e 25 anos e quanto ao estado civil a maioria dos entrevistados eram solteiros. Sobre o uso da camisinha durante as relações sexuais, 14 (27%) nunca utilizam-na, 19 (36,55%) utilizam sempre e com o parceiro fixo, 16 (30,77%) utilizam apenas as vezes, 2 (3,85%) utilizam somente nas relações extra-conjugais e 1 (1,83%) pessoa não se aplica a esta realidade. Entretanto não houve nenhum teste positivo para o HIV nesta pesquisa, mas é de suma importância o aconselhamento do uso da camisinha, pois o número de indivíduos que as vezes usam ou não sobrepõe o número de indivíduos que sempre usam. Conclui-se que as políticas de prevenção e busca ao HIV/AIDS se assenta sobre desigualdades, tais como as de sexo e faixa etária, afetando populações de forma heterogênea. Políticas de saúde envolvendo a educação devem acontecer de acordo com o grupo ao qual ela se aplica, e é passível de ajuste quando necessário, buscando prevenção e qualidade de vida.

PALAVRAS CHAVE – Perfil epidemiológico; Enfermeiro; HIV.

Introdução

[1] Estudante do 3º ano de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa - Pr, apresentadora e autora, luadamovicz@hotmail.com
[2] Estudante do 3º ano de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa - Pr, apresentadora e autora, amanda_tk_panda@hotmail.com
[3] Mestranda em Tecnologia em Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa –Pr, autora, e-mail:clsilva21@hotmail.com
[4]Especialista em Gestão em saúde pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa –Pr, autora, e-mail: luciane_pac@hotmail.com
[5]Mestre em Educação pela PUC -Pr, Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Pr, autora, e-mail: ldzarpellon@yahoo.com.br

Desde o registro do primeiro caso de Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS) no mundo, no início da década de 1980, o número de pessoas infectadas pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e de doentes de AIDS continua crescendo em todas as regiões do globo, embora a incidência de AIDS esteja em declínio na maioria dos países (SZWARCWALD, 2006).

A prevenção da transmissão é o meio mais viável de cessar a disseminação futura desta doença devastadora. Ensinar a reduzir o risco é um desafio que exige a utilização de muitas das habilidades da enfermagem. Isto pode ser mais complexo ouvindo, informando e apoiando os clientes a tomarem decisões que reduzam seus riscos. As pessoas querem o melhor, o que significa não somente que a enfermeira esteja informada, mas também que se mantenham não preconceituosas e ofereça uma atitude de cuidado e preocupação (DURHAM; COHEN, 1989).

Segundo Silva apud Gir, Morival, Hayashida e Duarte (1999) nesta pesquisa, revelou que o brasileiro tem hoje um razoável conhecimento sobre AIDS, mas ainda se considera distante do risco, acreditando que a doença está mais próxima dos amigos do que dele próprio.

Revolucionar as políticas e práticas de prevenção do HIV/AIDS resultará em uma mudança da prevalência para a incidência no debate sobre o HIV/AIDS, permitindo que possamos identificar focos de transmissão, empoderar pessoas, especialmente os jovens, para que possam exigir e apropriar-se da resposta e incentivar os programas que farão a diferença na redução de novas infecções.

Os acontecimentos recentes fazem com que seja possível e também necessário que haja uma revolução na forma como se realiza a prevenção do HIV/AIDS e no impacto de programas de prevenção do HIV/AIDS, mas para isso devemos unir esforços para alcançar as metas propostas pela UNAIDS, prevenindo infecções entre jovens, homens que fazem sexo com homem, em relação ao trabalho sexual; transmissão vertical e entre usuários de drogas

Para evitar a infecção pela AIDS através do relacionamento sexual, são necessários alguns pequenos cuidados, relacionados ao comportamento. A liberdade sexual que se propunha há cerca de três décadas tornou-se um comportamento de risco. O contato sexual com pessoas desconhecidas ou que têm comportamento promíscuo é arriscado. Na eventualidade de um relacionamento assim, o uso da camisinha tornou-se obrigatório (BARONE, 1998).

O interesse por este estudo iniciou por observar a alta incidência de HIV/AIDS observada nos últimos anos, principalmente no Município de Ponta Grossa - Pr. Portanto, o projeto vem para somar forças com os demais profissionais de saúde da rede municipal e estadual de saúde, visando não só a prevenção como a promoção da saúde da população, mas também na melhora da qualidade de vida da comunidade atendida.

Objetivos

Atuar frente à comunidade, buscando possíveis portadores do vírus HIV/AIDS;

Avaliar o perfil dos participantes atendidos por esta pesquisa, realizando acolhimento e aconselhamento durante o atendimento.

Metodologia

Estudo de campo, exploratório de caráter quantitativo realizado na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), durante um domingo nos meses de abril e maio de 2011. A amostra desta pesquisa corresponde a 52 pacientes, sendo entrevistados 30 mulheres e 22 homens.

Esta pesquisa é uma parceria entre a Universidade Estadual de Ponta Grossa, Secretaria Municipal de Saúde de Ponta Grossa e Serviço de Atendimento Especializado / Centro de Testagem e Aconselhamento (SAE/ CTA).

Em um primeiro momento, todos os pacientes são reunidos em uma sala para a realização do acolhimento pelos acadêmicos de enfermagem e posteriormente o aconselhamento por uma profissional capacitada pelo Ministério da saúde (MS), que aborda os riscos e benefícios, meios de transmissão e importância do uso da camisinha. Informam - se sobre os procedimentos a serem

realizados e os possíveis resultados e é garantido o sigilo e confidencialidade.

No segundo momento, os acadêmicos de enfermagem atuam no auxílio do preenchimento das folhas da busca ativa de pacientes, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do instrumento de pesquisa do projeto, do MS e avaliação. Após o preenchimento de todos esses requisitos, é feita a coleta do material, identificado o material coletado e marcado a hora. Espera-se 15 minutos e são encaminhados em confidencialidade os documentos e paciente para uma sala reservada onde é entregue o resultado. Em outro local reservado, a mesma profissional que passou todas as informações anteriores, passa neste momento o resultado ao paciente, sendo entregue o resultado, realizado demais orientações sobre a importância do sexo seguro, é entregue panfletos e camisinha.

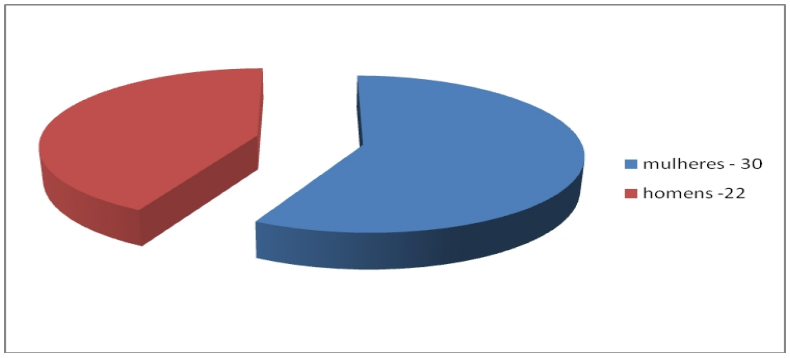
O instrumento para coleta de dados consistiu de um questionário estruturado acerca de características de identificação/perfil, conhecimento e comportamento dos entrevistados, com 17 perguntas das quais 3 eram abertas e as demais fechadas.

O instrumento aplicado no local de atuação levanta informações importantes sobre o perfil dos pacientes atendidos, o que possibilita não só conhecer a individualidade de cada pessoa, mas também mensurar estratégias diante dos dados analisados da coletividade. Os aspectos éticos são respeitados conforme Resolução do Ministério da saúde (196/96).

Resultados

Participaram do estudo 52 indivíduos, sendo 30 mulheres, 22 homens, e deste total a idade que prevaleceu foi entre 15 e 25 anos e quanto ao estado civil a maioria destes entrevistados era solteira. Abaixo está demonstrado o gráfico sobre a predominância sobre o sexo dos participantes da pesquisa.

Figura I – Sexo dos participantes envolvidos na pesquisa.



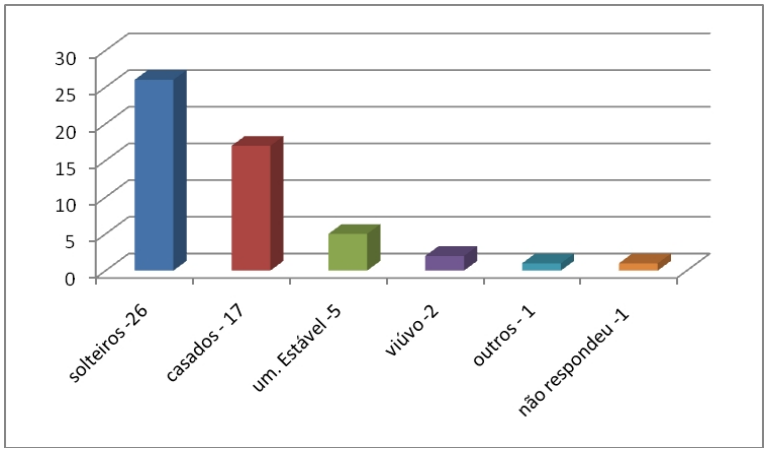
Fonte: Projeto de extensão UEPG – Enfermagem na busca e prevenção do HIV/AIDS.

Podemos dizer que os jovens, por sua idade ou desigualdade em que vivem já possuem uma predisposição para a vulnerabilidade, muitas vezes é a partir disso que consegue - se negociar sobre os fatores que envolvem o sexo sem segurança, podendo ser persuadidos por ideologias, companheiros ou até a violência sexual (BRASIL, 2004).

Os dados encontrados em nossa pesquisa mostra que 26 (50%) dos entrevistados são solteiros, 17 (32,7%) são casados, 05 (9,62%) estão em união estável, 2 (3,85%) são viúvos, 1 (1,91%) outros e 1 (1,91%) não respondeu.

Abaixo está demonstrado o gráfico sobre o estado civil dos participantes da pesquisa.

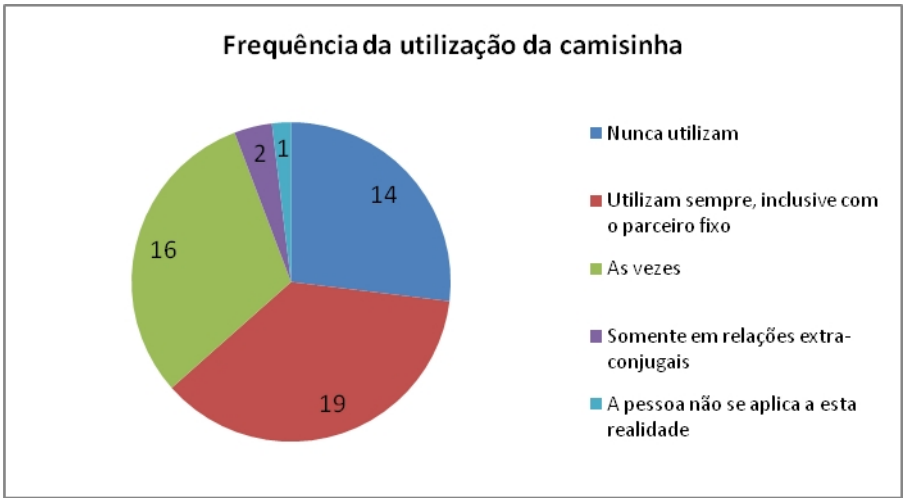
Figura II – Estado civil dos participantes envolvidos na pesquisa.



Fonte: Projeto de extensão UEPG – Enfermagem na busca e prevenção do HIV/Aids.

Constatou-se que sobre a freqüência da utilização da camisinha durante as relações sexuais, 14 (27%) nunca utilizam - na, 19 (36,55%) utilizam sempre e com o parceiro fixo inclusive, 16 (30,77%) utilizam apenas as vezes, 2 (3,85%) utilizam somente nas relações extra-conjugais e 1 (1,83%) pessoa não se aplica a esta realidade.

Figura III – Frequência da utilização da camisinha



Fonte: Projeto de extensão UEPG – Enfermagem na busca e prevenção do HIV/AIDS.

Quando observamos o estudo realizado por Garcia e Souza (2010), o uso consistente do preservativo está associado ao tipo da parceria, se a relação é eventual com pessoas desconhecidas eles tendem a utilizar o preservativo sempre, e quando observado a relação monogâmica o preservativo é utilizado somente no início da relação quando ainda não há uma intimidade entre o casal, o que se observarmos não justifica esta prática.

Em um estudo de Lazzarotto, Reichert, Venker *et al* (2010), encontrou-se que dos participantes quando questionados sobre o uso de preservativo nas relações sexuais, 64,3% não o utilizavam este método como prevenção do HIV.

Na nossa entrevista dos 52 participantes nenhum resultado deu positivo no teste rápido do HIV/AIDS. Porém deve - se levar em conta a importância do uso da camisinha, pois é grande o número de indivíduos que não usam e os que às vezes usam, 14 e 16 respectivamente, totalizando um número muito maior do que em relação aos que usam (19), aumentando ainda mais o risco comportamental de se contrair o vírus do HIV.

Relacionando o estudo feito por Camargo e Botelho (2007), encontrou- se que a conduta de risco para transmissão sexual do HIV (relação desprotegida) foi muito comum entre os adolescentes (58,5% dos que tiveram uma relação sexual nos últimos 12 meses). Quanto mais experiências sexuais com penetração, maior a proporção daqueles que assumiram ter praticado sexo sem preservativo.

Conclusão

O processo de busca ativa, acolhimento e o aconselhamento eficiente dos profissionais de saúde para com os pacientes devem envolver a comunicação e amplo conhecimento para transmitir conceitos adequados e atingir todos os perfis dos entrevistados, obtendo resultados desejados. Desta maneira fundamentamos o nosso projeto de extensão, dando grande importância à relação enfermeiro-paciente.

As políticas de prevenção e busca ao HIV/AIDS devem considerar que a epidemia vem afetando populações de forma heterogênea. Estigmas, tabus e preconceitos relacionados à doença estabelecem uma organização familiar e social em que discursos de poder, em particular nas relações conjugais, influenciam respostas coletivas à epidemia. Campanhas direcionadas a casais e jovens são necessárias e devem considerar os valores sociais que dificultam a adoção de práticas de prevenção dos indivíduos e que devem ser incentivadas sempre a necessidade do uso de preservativos e é importante conhecer o comportamento de risco da população atendida.

Referências

BARONE, A.A. Aids: **O inimigo avança.** 7.Ed. São Paulo: Átila, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST/Aids. Taller de capaccitacion pedagogica: reflejando processos educativos y de prevencion relacionados a las EST/VIH/SIDA. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CAMARGO B. V.; BOTELHO L. J. AIDS, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra HIV. **Rev Saúde Pública**. v. 41, n.1. p. 61-8. 2007.

DURHAM, J.D.; COHEN, F.L. **A enfermagem e o aidético.** São Paulo: Manole,1989.

GARCIA, S.; SOUZA,FM. Vulnerabilidades ao HIV/aids no Contexto Brasileiro: iniquidades de gênero, raça e geração. **Saúde Soc. São Paulo.** v. 19, n. 2. p. 10-20, 2010.

GIR E, MORIVAL TM, HAYASHIDA M, DUARTE G. Medidas preventivas contra a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis conhecidas por universitários da área de saúde. **R. Lat. amer. Enf.** v. 7, n. 1. p.11-7, 1999.

LAZZAROTTO,A.; REICHERT, M.T.; VENKER, C. *et al.* HIV/aids e meia idade: avaliação do conhecimento de indivíduos da região do Vale do Sinos (RS), Brasil. **Ciênc. saúde coletiva.** v. 15, n. 1. p. 1185-90, 2010.

SZWARCWALD, CL. Relatório: Primeiros resultados do Estudo-Sentinela Parturiente. Disponível em: www.aids.gov.br. Acesso em 28 Mar. 2012.